

# FESTIVIDADES RELIGIOSAS NO ANTIGO ORIENTE PRÓXIMO: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE O FESTIVAL DE AKITU E O YOM KIPPUR

---

Eloá Moura Galvão<sup>1</sup>

## Resumo

O presente artigo tem como objetivo realizar um estudo comparativo entre dois dos principais festivais/eventos realizados no Antigo Oriente Próximo do qual existem registros históricos e bíblicos: o festival de *Akitu* e o *Yom Kippur*. O festival de *Akitu* era uma das principais festividades na Mesopotâmia tendo início no primeiro dia do ano e procurando alcançar diversos objetivos, sendo eles religiosos e políticos. No entanto, o festival de *Akitu* deixou de ser celebrado por vários séculos, ao passo que o *Yom Kippur* continua sendo celebrado ou lembrado pela religião judaica ainda atualmente. Diante disso surge a problemática: Quais eram as principais características do festival do *Akitu*? Existem semelhanças entre o festival de *Akitu* e a festividade judaica do *Yom Kippur*? O presente artigo irá discutir essas questões e argumentar que embora haja algumas similaridades entre esses dois antigos festivais, no fim os princípios e os propósitos que ambos os festivais pretendiam alcançar eram muito diferentes.

**Palavras-chave:** *Akitu*; *Yom Kippur*; Mesopotâmia; Ritual; Festival.

Editor Científico: **Rodrigo Follis e Flavio Prestes Neto**  
Organização Comitê Científico  
Double Blind Review pelo SEER/OJS  
Received: 27/06/2023  
Approved: 18/09/2023

**Como citar:** GALVÃO, E. M. Festividades religiosas no Antigo Oriente Próximo: um estudo comparativo entre o festival de *akitu* e o *yom kippur*. **Kerygma**, Engenheiro Coelho (SP), v. 18, n. 1, p. e1349, 2023. DOI: <https://10.19141/1809-2454.kerygma.v18.n1.pe1349>

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Teologia com ênfase em Antigo Testamento pela Universidad Adventista del Plata, Buenos Aires, (Argentina). E-mail: [eloa.mgalvao@gmail.com](mailto:eloa.mgalvao@gmail.com) Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-5861-9784>



# FESTIVIDADES RELIGIOSAS EN EL ANTIGUO ORIENTE PRÓXIMO: ESTUDIO COMPARATIVO DE LA FIESTA DE AKITU Y YOM KIPPUR

## Resumen

Este artículo pretende realizar un estudio comparativo entre dos de las principales fiestas/eventos celebrados en el Próximo Oriente Antiguo de los que se tiene constancia histórica y bíblica: la fiesta de Akitu y el Yom Kippur. La fiesta de Akitu era una de las principales fiestas de Mesopotamia, comenzaba el primer día del año y perseguía diversos objetivos, tanto religiosos como políticos. Sin embargo, la fiesta de Aki-tu dejó de celebrarse durante varios siglos, mientras que el Yom Kippur sigue celebrándose o recordándose en la religión judía actual. Esto plantea la siguiente pregunta: ¿Cuáles eran las principales características de la fiesta de Akitu? ¿Existen similitudes entre la fiesta de Akitu y la fiesta judía de Yom Kippur? En este artículo se discutirán estas cuestiones y se argumentará que, aunque existen algunas similitudes entre estas dos antiguas festividades, en el fondo los principios y propósitos que ambas festividades pretendían alcanzar eran muy diferentes.

**Palabras clave:** Akitu; Yom Kippur; Mesopotamia; Ritual; Festival.

# RELIGIOUS FESTIVITIES IN THE ANCIENT NEAR EAST: A COMPARATIVE STUDY BETWEEN THE FESTIVAL OF AKITU AND YOM KIPPUR

## Abstract

This article aims to carry out a comparative study between two of the main festivals/events held in the Ancient Near East of which there are historical and biblical records: the Akitu festival and Yom Kippur. The Akitu festival was one of the main festivities in Mesopotamia, beginning on the first day of the year and seeking to achieve various objectives, including religious and political. However, the Akitu festival stopped being celebrated for several centuries, while Yom Kippur continues to be celebrated or remembered by the Jewish religion today. Given this, the problem arises: What were the main characteristics of the Akitu festival? Are there similarities between the Akitu festival and the Jewish festival of Yom Kippur? This article will discuss these issues and argue that although there are some similarities between these two ancient festivals, in the end the principles and purposes that both festivals aimed to achieve were very different.

**Keywords:** Akitu; Yom Kippur; Mesopotamia; Ritual; Festival.



## INTRODUÇÃO

O festival de *Akitu* era uma das principais celebrações do calendário babilônico, tendo início no primeiro dia do primeiro mês de cada ano e sendo celebrado por cerca de onze ou doze dias. O festival incluía o casamento do rei com uma alta sacerdotisa, uma procissão dos deuses e deusas da cidade para um templo separado para a cerimônia, sacrifícios de animais, a recitação de um famoso mito conhecido por *Enuma Elish*, entre outras ações (NAKATA, 1968, p. 42).

Por volta de 689 a.C., Senaqueribe (689-681 a.C.) invadiu e destruiu a Babilônia em resposta à uma revolta dos babilônios ao domínio assírio que durou cerca de cinco anos. Durante esta revolta, os babilônios haviam entregado Assurnadinsumi, que era filho de Senaqueribe e estava no trono de Babilônia, aos elamitas o que tornou a destruição ainda mais dramática. Senaqueribe massacrando os moradores da cidade e aniquilou as estátuas de seus deuses, inclusive de Marduque que era chefe do panteão babilônico e elemento fundamental no ritual do *Akitu*.

A ausência de Marduque fez com que os ritos de seu culto, principalmente a observância do festival de *Akitu*, cessassem, uma tragédia que seria comemorada pelos cronistas babilônicos posteriores que olhavam para o evento (NIELSEN, 2012, p. 8, tradução nossa).

Por volta de 670 a.C., Assuradão filho de Senaqueribe empenhou-se na reconstrução de Babilônia e adotou alguns dos costumes de Babilônia como atos públicos, celebrações e rituais com o objetivo de atestar suas ações. Por volta do ano 667 a.C., com este mesmo propósito e em sucessão ao seu reinado, Samassumauquim (668-648 a.C.) retomou a celebração do *Akitu* (NIELSEN, 2012, p. 7).

Nielsen (2012, p. 10-11) destaca que os esforços de Assuradão e seus filhos podem ser vistos como um empreendimento singular e prolongado. Ele precisou escolher o melhor momento para retornar Marduque à Babilônia, pois existia o receio de que os babilônios organizassem um levante especialmente contra Samassumauquim, o futuro rei da Babilônia. O retorno do deus Marduque à cidade foi feito no segundo mês de 668 a.C. e um ano após esse evento a inauguração do festival do *Akitu* foi realizada tendo a presença de Samassumauquim segurando a mão de Marduque.



Em ambas as ocasiões, toda a multidão reunida estaria ciente da magnitude dos eventos- após um exílio de 20 anos, Marduque estava retornando à sua cidade e, após 21 anos, o festival de *Akitu* estava sendo comemorado [...] é razoável pensar que havia pessoas entre as multidões que testemunharam o último festival de *Akitu* celebrado na Babilônia, ou a destruição da cidade (NIELSEN, 2012, p. 10-11).

Assim, o empreendimento político-religioso trouxe a aceitação do reinado de Samassumauquim tanto por parte dos assírios quanto pelos seus súditos babilônios.

A celebração regular de festivais dentro de uma sociedade desempenha um papel importante na perpetuação da memória cultural. Para os babilônios, o festival de *Akitu* era idealmente um desempenho social regular e imutável que se estendia de volta ao passado e materializava sua visão de mundo. Ao mesmo tempo, cada celebração era distinta e se desenrolava contra o pano de fundo dos eventos e preocupações dos anos anteriores. [...] Ao vincular eventos atuais a eventos do passado recente e distante, para a reconstrução da Babilônia, o festival de *Akitu* introduziu um elemento do eterno. A destruição da Babilônia por Senaqueribe não foi removida da memória, mas minimizada em face de tradições mais antigas. (NIELSEN, 2012, p. 19-20, tradução nossa).

Kramer (1969, p. 108) percebe que existem pontos em comum entre as crenças dos hebreus e as crenças dos povos que habitavam a Mesopotâmia. A exemplo, algumas semelhanças entre o Utnapishtim e a história de Noé, do pobre inominado e Jó, a gula de Enkil e o episódio da serpente, e entre o Éden e Dilum (KRAMER, 1969, p. 108).

Diante do contexto anteriormente apresentado, surge a problemática: Quais eram as principais características do festival de *Akitu*? Existem semelhanças entre a celebração do *Akitu* e a festividade judaica do *Yom Kippur* (“Dia da expiação”)? A presente pesquisa tem por objetivo compreender como se dava o festival de *Akitu* e compará-lo ao festival do *Yom kippur*. Para tal, utilizar-se-á como metodologia a pesquisa bibliográfica. O presente estudo se torna extremamente relevante considerando que pouco tem sido abordado na língua portuguesa acerca do festival de *Akitu* e de sua relação com as festividades judaicas.

## **O FESTIVAL DE AKITU**

Conforma ressalta Kramer (1969, p. 108), as descobertas de estelas e placas decorativas, selos cilíndricos, esculturas e grandes templos mesopotâmicos demonstram que a religião ocupava um papel central na vida dos habitantes daquela região. E não somente



para eles, pois muito de seus ritos e rituais foram imitados por povos vizinhos durante vários milênios.

Acima de tudo, nesse velho tempo em que as poderosas forças da natureza pareciam totalmente inexplicáveis aos temerosos humanos, a sua religião deu perspectiva e ordem à vista do povo na Mesopotâmia (KRAMER, 1969, p. 108).

Dentre as festividades que compunham o sistema religioso mesopotâmico estava o festival de *Akitu*. Petruski e Dupla (2017, p. 32) explicam que “o nome a-ki-tu conferido ao festival está relacionado a uma construção especial, a *casa-akitu*, edificada num local elevado e fora dos portões da cidade, numa espécie de ilha, pois, para alcançá-la, era necessário utilizar uma embarcação própria”.

Yücel (2020, p. 3) afirma que documentos econômicos datados do período de Sargão e Ur III (2350-2100 a.C.) referem-se indiretamente ao rito, demonstrando que ele foi observado pela primeira vez em Ur, Nippur e Uruk. Em relação aos documentos históricos encontrados que lançam luz a esta celebração mesopotâmica lemos:

Para sermos exatos, muito do que sabemos sobre o festival do Ano Novo [*Akitu*] na última fase da Babilônia vem de um compêndio sacerdotal do século 3 a.C., e alguns dos seus detalhes talvez não tenham existido anteriormente (KRAMER, 1969, p. 107).

Sommer (2000, p. 80-81) expõe que embora o que temos conhecido acerca desta festividade tenha sido de grande importância, o objetivo dela ainda gera grande discussão entre os historiadores e assiriólogos. Alguns estudiosos, segundo ele, rejeitam o entendimento tradicional de que a celebração procurava subjugar o caos e renovar o mundo e propõem que o propósito do festival era servir de propaganda nacional-religiosa a favor dos estrangeiros que governavam Babilônia durante a era helenística. Entretanto, para o autor,

várias características do *Akitu* babilônico mostram que o festival pretendia destruir e subsequentemente renovar o cosmos. Estranhamente, os estudiosos anteriores não conseguiram citar esses recursos e, em vez disso, se concentraram em dados extremamente duvidosos. Uma versão revisada do consenso mais antigo é a melhor avaliação para o festival do *Akitu* descrito nos textos neobabilônicos. O festival de fato exalta um centro sagrado, mas sua visão de mundo não pode ser retratada como arcaica, pois decorre de uma cultura urbana altamente desenvolvida (SOMMER, 2000, p. 81, tradução nossa).



Ele ainda destaca que a visão mais antiga acerca da festividade apresentada pelo autor compreende o objetivo do rito como uma representação da queda do caos que leva ao reestabelecimento da ordem cósmica, teológica e política (SOMMER, 2000, p.80-81, tradução nossa). Acerca dessa discussão, Nakata (1968, p.41) explica que por meados de 1955, Von Soden sugeriu uma nova interpretação para textos relevantes que haviam sido encontrados, ocasionando a partir de então diferentes conclusões acerca do propósito do festival de *Akitu*, mas as visões mais tradicionais ainda permanecem nos livros sobre a Mesopotâmia.

É interessante destacar que em determinados momentos, o festival de *Akitu* assumiu um propósito específico. Lambert (1997, p. 189) aclara que Senaqueribe procurou substituir a principal divindade da época, Ashur, pelo deus Marduque, buscando estabelecer uma espécie de “ritual assírico do *Akitu*”. Segundo ele, as evidências demonstram uma possível substituição de Assur por Marduque, e sua vitória sob Tiamat sentando-se em cima dela (possivelmente a estátua de Marduque era posta sobre Tiamat para simbolizar a vitória) em determinado momento do ritual.

Para este estudo, diante de todas as informações apresentadas anteriormente, parecem existir evidências de que o rito do *Akitu* tinha um propósito religioso. Porém, em determinados momentos, devido ao contexto político-social, agregou-se outros interesses na prática do festival. A exemplo, a aceitação de um novo rei oriundo de uma nação estrangeira.

## **PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA CELEBRAÇÃO DO FESTIVAL DE AKITU**

Conforme destaca Caramelo (2006, p. 77), os mesopotâmios organizaram as suas atividades em torno do tempo, particularmente as que envolviam o culto e a agricultura. Assim, eles desenvolveram um calendário próprio, o qual tinha por fundamento a crença de que tudo o que haviam feito ou viessem a fazer fora concedido dos deuses aos seres humanos. A exemplo disso, a origem da divisão dos meses do ano é atribuída a Marduque que ao procurar dar ordem ao mundo “divide o ano em doze meses e atribui a cada um deles a regência de três das estrelas que colocou no céu” (CARAMELO, 2006, p. 77), procurando dessa forma ordenar também o tempo.

Dentre os meses mesopotâmicos, Nakata (1968, p.41) afirma que os textos hemerológicos datados do período Selêucida indicam que no primeiro milênio a. C., no



primeiro dia de *Nissan* durante o equinócio da primavera, em algumas cidades da Mesopotâmia, ocorria o festival mais importante do ano, o *Akitu*. Infelizmente não foram encontrados ainda documentos que lançam luz aos eventos que ocorriam da metade dos dias do festival até o seu fim, eventos esses que possivelmente eram os mais dramáticos de toda a celebração. Desse modo, os acadêmicos também não estão em consenso se a duração da celebração era de onze ou doze dias.

O ritual do *Akitu* ocorria no primeiro mês do ano e durante o equinócio da primavera, sendo esses motivos suficientes para ser o mês mais importante do ano no calendário babilônico. A prática do rito consistia na “renovação e regeneração dos ciclos da natureza, momento também aproveitado para a entronização do novo rei ou para a comemoração da sua ascensão ao trono” (CAMELO, 2006, p. 79). Kramer (1969, p.107) reitera que a repetição anual do *Akitu* refletia uma necessidade profunda que os mesopotâmios tinham de olhar para o futuro com esperança, assim como o Ano Novo é comemorado no mundo moderno. Sobre o festival de *Akitu*, lemos:

Correspondia a um momento importante no calendário agrícola, uma vez que era nesta altura que ocorriam as primeiras colheitas, tempo decerto compreendido numa lógica de piedade e de bênção. A ação benfazeja dos deuses culminava a fidelidade e piedade do homem e, particularmente, do rei, o seu favorito (CAMELO, 2006, p.80).

É interessante destacar que o último mês do calendário mesopotâmico era nomeado de *Addaru* e o significado do termo pode denotar “ficar preocupado” ou “tornar-se obscuro”, pois durante esse mês os ritos “eram caracterizados pela lamentação, pela penitência e pela purificação. É possível que se tratasse de um tempo penitencial que deveria anteceder o festival de *Akitu*, o qual ocorreria no mês seguinte” (CAMELO, p.80).

Outra característica do *Akitu* é que ele servia como propaganda religiosa para a comunidade e para as nações vizinhas. Além dessa propaganda religiosa, houve uma agenda política a ser alcançada. De acordo com Bigmead (2004, p. 5, tradução nossa) “o *Akitu* servia para manter uma distinção de classe e promover uma ideologia política”. O desfile tanto do rei como dos deuses, bem como a limpeza do templo certamente possuía um grande impacto na vida dos cidadãos mais simples. Embora à classe mais pobre fosse permitido testemunhar o festival, a grande realização era utilizada como ocasião para a elite demonstrar suas



qualidades e superioridade diante da classe inferior. No entanto, independentemente a qual classe pertencesse, o festival era alegre e divertido.

Outro destaque é que provavelmente a maior parte do festival de *Akitu* ocorria fora dos muros da cidade. Há partes do festival que poderiam ocorrer dentro da cidade, como o desfile e as festas, mas não a limpeza do templo, pois ele se encontrava do lado de fora da mesma.

Nakata (1968, p. 42) dividiu em três etapas os eventos ocorridos durante a celebração. A primeira etapa correspondia a recitação do mito babilônico do *Enuma Elish*<sup>2</sup> por um sumo sacerdote no quarto dia do mês. O propósito dessa recitação ainda tem sido objeto de estudo. Nakata defende que é difícil pensar que a referência nos documentos à recitação do mito fosse uma simbologia e outro mito fosse lido. É mais provável que ele fosse recitado mês após mês, podendo não ser a versão que possuímos atualmente considerando que o mito não fora escrito para esse rito em particular. Outra possibilidade é a de que o festival do *Akitu* celebrasse o *Enuma Elish* e, como acrescenta Kramer, agregasse ao engrandecimento do deus Marduque como a divindade suprema do Panteão (KRAMER, 1969, p. 107).

“Tú, Marduque, és o mais merecedor de honra entre os grandes deuses;  
Seu destino é inigualável, seu mandamento é Anu.  
Desde este dia, inalterável será o que pronunciarees.”  
(Enuma Elish, Tablete IV, linhas 5-7)

O ritual também incluía a “preparação de dois bonecos vestidos de vermelhos, segurando uma serpente e um escorpião, os quais simbolizavam as forças do mal. No sexto dia, os bonecos eram decapitados e em seguida atirados numa fogueira” (KRAMER, 1969, p. 107).

O festival babilônico do Ano Novo continuava com outros rituais no quinto dia após as preces de rotina e os sacrifícios; havia uma cerimônia de purificação durante a qual o templo era aspergido com água sagrada e santificado com óleo sacro. Decapitava-se então um carneiro, cujo corpo ensanguentado era comprimido contra as paredes do templo, provavelmente para absorver qualquer impureza que ainda restasse. O carneiro morto era então arrastado para fora e atirado ao rio com um animal expiatório (KRAMER, 1969, p. 108).

---

<sup>2</sup> Poema babilônico que narra a origem do universo.



Com relação ao quinto dia do festival, existem três características cruciais que devem ser destacadas: os rituais, a limpeza de demônios do templo e a humilhação do rei diante de Marduque. Em relação aos rituais diários durante o período assírio, estes compreendiam uma série de ações durante o festival ou em uma ocasião especial. De acordo com Gane (1998, p.234-235, tradução nossa), os “rituais regulares incluíam uma purificação pessoal do sumo sacerdote com água, orações e refeições cerimoniais durante a manhã e a tarde, as quais eram realizadas diante de Marduque e sua esposa, Zapanitu/Belet.”

Em relação à limpeza dos demônios, nesse mesmo dia, um feiticeiro/exorcista deveria limpar o templo através de um exorcismo antes do rei ser humilhado diante de Marduque. O exorcista então iria aspergir água ao redor do templo enquanto balançava uma tocha de incenso ao redor do templo para limpá-lo. Uma vez tendo purificado o templo, o exorcista iria pedir um cordeiro perfeito para ser imolado por um abatedor (BIGMEAD, 2004, p. 71-72). Em seguida, o exorcista iria esfregar o sangue do cordeiro pelo templo, atuando como uma espécie de filtro para capturar e segurar os demônios que haviam infiltrado o templo. Uma vez terminada essa etapa, o corpo do animal seria jogado ao rio e tanto o exorcista como o abatedor não poderiam retornar à cidade até o final do festival.

Em relação à terceira característica, posteriormente aos eventos descritos, o rei aparecia pela primeira vez publicamente durante a celebração para um ritual que, segundo KRAMER (1969, p. 108):

começava quando o sumo sacerdote removia a insígnia real do soberano, assim como o cetro e a espada, colocando-os ante a imagem de Marduque. O sumo sacerdote puxava então as orelhas do rei e forçava-o a curvar-se diante do deus e recitar uma confissão negativa, salientando o fato de que não fizera nenhum mal a Babilônia e a seu povo. Nesse ponto, o sumo sacerdote restituía ao monarca a insígnia real e, então, o esbofeteava. Se os olhos do rei se enchiam de lágrimas, isso era um sinal de que Marduque estava satisfeito com ele.

Todas as ações desse momento do ritual tinham por objetivo fazer com que o rei fosse apresentado como servo dos deuses e responsável pela qualidade de vida do povo. Como destacam Petruski e Dupla (2017, p. 32), a humilhação ofertada ao rei tinha por objetivo apresentar a condição do rei como mero mortal e completamente dependente dos deuses poderosos e de seus servos.



Kramer (1969, p. 106) e Caramelo (2006, p. 82) explicam que o apogeu da celebração ocorria no casamento sagrado entre o rei e uma alta sacerdotisa, representando ambos a Dumuzi (Tamuz citado na Bíblia), antigo governador de Ereque, e Inanna, padroeira da cidade de Ereque, representando um antigo ritual da união de ambos. O autor também destaca o significado de tal cerimônia:

As núpcias sagradas tiveram um duplo objetivo: assegurar a fertilidade do solo e, pelo menos o rei assim esperava, garantir a sua longa vida como esposo de uma deusa. O romance inspirou numerosas canções e narrativas que, embora diferentes umas das outras, giravam em torno deste tema e rito central: o sagrado matrimônio do rei mortal com a deusa, que começava com um ardente anseio para findar inevitavelmente em amarga frustração e desastre (KRAMER, 1969, p. 106)

Além disso, Kramer (1969, p. 106-107) acrescenta que tal mito terminava em desastre para o rei. A história narra que embora Inanna fosse rainha do Céu, ao desejar alcançar o submundo, ficou presa ali. Para ser livre novamente, ela concede permissão para sair do submundo e encontrar um substituto para si. Após passar por várias cidades e escoltada por um grupo de *galia* (pequenos demônios), ela chega em Ereque onde encontra Dumuzi em seu trono e dá ordem para que os pequenos demônios o levassem em seu lugar.

A segunda etapa da celebração destacada por Nakata (1968, p. 42-43, tradução nossa) incluía a procissão de deuses e deusas no décimo dia do mês saindo da cidade de Babilônia para o templo de *Akitu*:

Primeiro eles iam em carros precedidos por seus próprios emblemas, então eles eram transferidos para barcos e prosseguiam por um canal até o templo de *Akitu*. De acordo com um texto assírico datado por F. Kocher entre 1200 e 100 a.C., a seguir é apresentada uma descrição da parte da procissão: 'O rei (?) oferece uma oferta no portão do templo de Ishtar. Depois dessa oferta, o sacerdote cantando se aproxima dos deuses que aparentemente formam uma procissão. O rei está a frente da procissão, o qual vai para o *parak simate* onde Marduque preside, enquanto o restante dos deuses se reúne em torno dele. Depois de algumas cerimônias serem realizadas a frente do *parak simate*, o sacerdote se aproxima de Marduque. Então segue uma procissão a qual é liderada pelo rei para o barco o qual é para carregar os deuses para o *bit akitti*.

Kramer (1969, p. 108) complementa que por volta do oitavo dia:

o rei "tomava Marduque pela mão" e apresentava cerimoniosamente às divindades visitantes; então, a soberania de Marduque era solenemente proclamada pelos sacerdotes que atendiam às deidades reunidas. Havia uma procissão de alegres cortejo, encabeçada por Marduque numa suntuosa



carruagem ornada de joias. Guiado pelo rei, que tinha que segui-lo as deidades visitantes, o cortejo espetacular partia de Esagila, seguindo o Caminho Sacro impressionantemente decorado, transpunha o Portão de *Ishtar* e, fora da cidade, ia ao templo de *Akitu*, à beira do Eufrates, em Babilônia, onde finalmente se realizava o grande acontecimento do festival, 'a decretação da sorte' do monarca, simbolizando o seu reino, no ano a iniciar-se.

A terceira etapa da celebração ocorria quando a procissão chegava ao templo do *Akitu*, momento esse ao qual os estudiosos mais concentram os seus estudos acerca do festival. Nakata (1968, p. 45) ainda destaca que não temos acesso a informações preservadas em textos hemerológicos em relação aos acontecimentos que tomavam lugar após o sexto dia, por isso, é necessário depender das poucas informações contidas em inscrições reais, imagens nos portões, entre outros.

Após a chegada dos deuses no templo de *Akitu*, ocorria a representação de uma batalha entre Marduque e Tiamat, onde Marduque a vence. Este evento também é sugerido nos relevos do portão de Senaqueribe na batalha entre Ashur e Tiamat. Uma pequena inscrição apresenta a seguinte frase: "para Bel que se assenta no meio do mar (=Tiamat) no templo de *Akitu*", sugerindo que a estátua de Marduque era levada para dentro do templo e colocada no estrado para simbolizar tal vitória (NAKATA, 1968, p. 45). Também existem evidências de que estando no interior do edifício, bois, ovelhas, peixes, pássaros, mosto e vinho eram oferecidos (NAKATA, 1968, p.45-46). Em conclusão acerca do festival do *Akitu*, Caramelo (2006, p. 83) afirma que:

o que está em causa é a convicção de que o mundo, nas suas diversas vertentes (social, política, natural e até cósmica e divina) é sustentado por um equilíbrio instável e assenta numa ordem que não é definitiva. [...] O calendário estava intimamente ligado ao culto. Assinalava, pois, essas festas e ritos, em que o homem tinha a obrigação de prover as necessidades dos deuses, participando, ele próprio, na conservação da ordem no mundo.

Em resumo, o ritual do *Akitu* possuía um ciclo longo e complexo, o qual envolvia esferas públicas (a população da cidade, que de certa maneira participava da renovação da ordem) e privadas (espaços reservados, como o templo, onde somente o rei e os sacerdotes tinham acesso) (CAMELO, 2005, p. 160).



## O FESTIVAL DO *YOM KIPPUR* E SUAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

Assim como para os mesopotâmios, a religião exercia um papel central em todas as áreas da vida de um israelita. Os diversos eventos que a comunidade de Israel celebrava ao longo do ano tinham por objetivo reconhecer a obra e presença de Deus com Seu povo, e cada uma das festividades destacava algum aspecto da ação salvífica de Deus (SWANN, 2014).

Dentro do calendário de festividades religiosas dessa nação, estava o *Yom kippurim* (literalmente “Dia das expiações”, cf. Lv 23:27-28)<sup>3</sup>, o qual envolvia a penitência e humilhação por meio de oração, jejum e ritos de purificação e era o mais solene de todos os rituais do Antigo Testamento. Essa festividade é respeitada e celebrada pelos judeus até os dias de hoje.

Como a purificação do Dia da Expição é o ritual mais amplo e intenso de todos os rituais de *ḥaṭṭā't* aplicam-se regras mais estritas. [...] O Dia da Expição aparentemente absorveu elementos de vários outros rituais: o uso de dois animais pode ser derivado dos dois pássaros da purificação da lepra (Lv 14); os elementos de autonegação podem refletir rituais de luto; o resto e a proibição do trabalho vieram da observância do sábado, embora a data exata no calendário significasse que o dia da expiação nem sempre podia ser observado no sábado (BUTLER, 2021).<sup>4</sup>

A principal descrição bíblica do *Yom Kippur* se encontra em Levítico 16, embora haja outros relatos menos detalhados em Levítico 23:27-32 e 25:9-10, Êxodo 30:10, Números 29:7-11, e em outras fontes extrabíblicas como literaturas do Segundo Templo e rabínicas, em especial a *Mishnah Yoma* (EZRA, 2003, p. 18). Em relação ao texto de Levítico 16, é interessante destacar que todo o Pentateuco, base para os escritos e continuação após ele, é construído em uma estrutura quiástica cujo centro é Levítico 16, o capítulo que descreve o ritual do *Yom Kippur* (DAVIDSON, 1991, p. 12; ROOKER, 2000, p. 213). Tal aspecto revela a proeminência e importância que o ritual possuía dentro da *Torah* e, por consequência, da religião israelita. Mas, como se dava o *Yom Kippur*?

---

<sup>3</sup> Embora literalmente seja “Dia das expiações”, o uso contemporâneo em referência a este evento é *Yom Kippur*, isto é, “Dia da expiação”. Sendo assim, a presente pesquisa adota o uso mais comum hoje.

<sup>4</sup> Em relação aos sacrifícios de *ḥaṭṭā't*, Wright (1992, p. 1887) explica que os ritos de purificação do santuário fazem parte desse sistema maior de sacrifícios. O propósito dos sacrifícios de *ḥaṭṭā't* geralmente é remover impurezas do santuário.



Essa celebração israelita era antecedida pela Festa das Trombetas, a qual ocorria no primeiro dia do ano do calendário civil (sétimo mês do calendário religioso) e conclamava o povo ao arrependimento (cf. Lv 23:23-25). Após cinco dias posteriores a este rito, celebrava-se a Festa dos Tabernáculos (Lv 23:33-36, 39-46), a qual tinha sete dias de duração e celebrava o perdão divino e o fim da colheita.

O dia da expiação tornou-se assim a característica central das celebrações de ano novo do sétimo mês [...] Deus só visitaria seu povo quando o local de adoração, os sacerdotes e o povo estivessem puros. O ritual também era a principal cerimônia de purificação e expiação na Bíblia (BUTLER, 2021).

O principal objetivo do *Yom Kippur* era purificar o povo de Israel de seus pecados diante de Deus, como lemos em Levítico 16:16: “Assim, fará expiação pelo santuário por causa das impurezas dos filhos de Israel, e das suas transgressões, e de todos os seus pecados. Da mesma sorte, fará pela tenda da congregação, que está com eles no meio das suas impurezas.”

O ritual deveria ser oficiado por um sumo sacerdote que fora ungido e consagrado para exercer essa função específica (Lv 16:32), que na descrita ocasião é Arão (Êx 30:10; Lv 16:2). Mas, também envolvia ações do povo durante o rito, pois estes deveriam cessar suas obras nesse dia (Lv 16:29, 23:28, 29-31) e permanecer em atitude de arrependimento e humilhação (Lv 16:31, 23:27, 32; Nm 29:7). Como o ritual objetivava a purificação dos pecados é possível que a atitude de humilhação fosse uma atitude que demonstrasse o reconhecimento pelo pecado e decisão de arrependimento enquanto o sacerdote ministrava em seu favor.<sup>5</sup> Além disso, o rito envolvia juízo divino, pois aqueles que comparecessem sem tal atitude seriam eliminados do meio do povo (Lv 23:29-30).

As etapas do ritual do *Yom Kippur* ocorriam dentro do santuário, em seus arredores e fora do acampamento israelita, incluindo também uma preparação anterior e posterior ao rito. Outro aspecto claramente apresentado é que ninguém deveria estar dentro do santuário enquanto o rito era realizado pelo sacerdote (Lv 16:17).

Em primeiro lugar, para officiar, o sacerdote deveria lavar-se e vestir uma túnica, um cinto e uma mitra feitos de linho (Lv 16:4). Deveriam ser separados para a realização do rito

---

<sup>5</sup> Esse aspecto também parece evidente no primeiro verso de Levítico 16 onde há menção à morte de Nadabe e Abiú, filhos de Arão, por terem comparecido perante Deus em pecado, conforme descrito em Levítico 10.



um novilho e um carneiro para oferta em favor dele e de sua casa, e dois bodes e um carneiro para oferta em favor do povo (Lv 16:3, 5).

Em segundo lugar, o sacerdote deveria realizar a expiação por ele e por sua casa. Ele deveria imolar o novilho da sua oferta, pegar uma parte de seu sangue, tomar o incensário com brasas do altar de sacrifício, dois punhados de incenso e, então, adentrar o santuário. Ali, o sacerdote deveria colocar o incenso sobre o fogo de forma que a fumaça cobrisse a tampa da arca existente no terceiro compartimento do santuário. Em seguida, ele deveria molhar os dedos no sangue do novilho e aspergi-lo sete vezes diante do propiciatório, estando após esse rito preparado para officiar diante do povo (Lv 16:11-14). Swann (2014) destaca que a purificação do sacerdote e de sua casa eram fundamentais, uma vez que ele fazia expiação por toda a nação.

Dos dois bodes que deveriam ser separados para o povo, Arão deveria tomá-los e lançar sortes sobre ele de forma que um bode fosse separado para o Senhor e o outro para *Azazel*<sup>6</sup> (Lv 16:6-10). O bode sobre o qual a sorte caiu para o Senhor deveria ser imolado e seu sangue deveria ser aspergido da mesma forma que o sacerdote aspergiu para si e para sua casa. Após essas ações, o sacerdote deveria tomar do sangue de seu novilho e do bode da oferta do povo e, saindo do santuário, deveria colocá-lo nos chifres do altar e aspergi-lo sete vezes (Lv 16:18-19), fazendo dessa forma purificação não somente pelo povo e pelo santuário, como também pelo altar. Conforme ressalta Wright (1992, p. 1892), a aplicação do sangue purifica não apenas os móveis do santuário, mas todos os compartimentos do santuário em geral. Na próxima etapa do rito, o sacerdote tomava o bode do povo que ficara vivo e colocava suas mãos sobre sua cabeça, confessando todos os pecados do povo sobre ele. Após essa ação, o bode deveria ser levado por um homem ao deserto e ser solto para permanecer lá (Lv 16:20-22).

De acordo com a descrição levítica, no processo de finalização do ritual, o sacerdote se despia das vestes de linho dentro do santuário, as deixando lá, lavava seu corpo ali com água e saía do santuário após se vestir (Lv 16:23-24). O sacerdote queimava, então, a gordura

---

<sup>6</sup> Leal (2014) apresenta um estudo detalhado a partir de uma análise que leva em conta tanto a etimologia do termo “*Azazel*” quanto sua função ritual e chega à conclusão de que o contexto em que este termo aparece e os paralelos extra bíblicos apontam para a pessoalidade de *Azazel* e conseqüentemente, para uma melhor tradução do termo como um nome próprio e não como “bode emissário”, como é encontrado em algumas versões bíblicas.



dos carneiros de sua oferta e da oferta do povo e, também, as peles, carne e excrementos do novilho e do bode aos quais o sacerdote havia aspergido o sangue - sendo necessário levar para fora do arraial o que restou dos sacrifícios (Lv 16:27). Tanto o homem que levou o bode ao deserto, quanto aquele que queimou os itens descritos anteriormente, deveriam lavar as vestes e o corpo para, então, retornar ao acampamento (Lv 16:26, 28).

Wright (1992, p. 1887) explica que o sangue aplicado atua purificando o santuário das impurezas que o afetavam. “Essa remoção torna impura toda a oferta, incluindo a carcaça, e esta, por sua vez, pode poluir outras pessoas (cf. Lv 16:27-28). Esta impureza, no entanto, não parece tornar-se eficaz até que a carcaça deixe os recintos do santuário. Desse modo, após essa série de atividades, o ritual chegava ao seu fim.

Quando no capítulo a orientação é dada, é enfatizado três vezes que o ritual deveria permanecer como estatuto perpétuo (Lv 16:29, 31, 34), reiterando a sua importância. Sendo assim, ainda durante o período do Segundo Templo (aprox. 515 a.C. a 70 d.C.) o *Yom Kippur* permaneceu sendo celebrado. Em sua valiosa pesquisa, Baumgarten (1999) aborda a prática de tal festividade durante esse período, em especial na comunidade de Qunran, como evidenciam os Manuscritos do Mar Morto.

Nesses manuscritos, há uma oração pelo Dia da Expição (1QpHab 12), há a proibição de tomar banho e lavar roupa neste dia (4Q265), apoia-se a prática do jejum no dia deste rito (4Q265), ordena-se o toque de trombeta neste dia (4Q365), entre outras referências (BUTLER, 2021).

O *Yom Kippur* também teve influência sobre o cristianismo primitivo como é percebido em fontes bíblicas, a exemplo o livro de Hebreus (6-9, 13:11-12), e extrabíblicas como Orígenes e Fílo. Isto é, mesmo após a destruição do templo, o *Yom Kippur* continuou a influenciar o cristianismo de diversas maneiras (Ezra, 2003, p. 331-332).

Posteriormente, a literatura rabínica também refletiu a compreensão e prática do *Yom Kippur* pelos judeus antes, durante e após o período de sua composição, em especial a *Mishnah Yoma* (190-230 d.C.). Esse tratado embora mais detalhado, segue uma estruturação semelhante à de Levítico 16. Ao lê-lo observamos que os primeiros sete capítulos são sobre atuação do Sumo sacerdote no templo no *Yom Kippur* e o último com leis sobre o jejum, proibições e processo de arrependimento para a prática do povo nesse dia.



A exemplo, a *Mishinah* orienta que o sumo sacerdote deveria ser mantido em uma sala do templo sete dias antes do início da celebração e para se acostumar com as atividades que fará no *Yom Kippur* (Yoma 1:2). Em outro momento, são dadas orientações sobre não comer, beber, tomar banho, usar sapatos e manter relações conjugais nesse dia, com pequenas exceções para o rei, para uma recém-casada, grávida ou que tenha tido filho recentemente (Yoma 8). Apesar das inúmeras e detalhadas ordens resultantes da interpretação judaica da época, o conceito central de purificação, expiação e juízo permanecem sendo centrais. Além disso, há menções ao *Yom Kippur* em outras literaturas rabínicas, como em Enoque 8, 10 e 55:4.

### SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE O FESTIVAL DE AKITU E O YOM KIPPUR

Diante das revisões realizadas anteriormente acerca do ritual mesopotâmico de *Akitu* e do ritual israelita do *Yom Kippur*, tornou-se possível analisar comparativamente ambos detectando algumas semelhanças e diferenças.<sup>7</sup> Embora os ritos apresentem alguns aspectos similares, o propósito de ambos era distinto.

O primeiro ponto interessante é que ambos os rituais possuíam um mês específico em seu calendário corrente para a sua realização, isto é o primeiro dia do ano do calendário mesopotâmico para o *Akitu* e o primeiro dia do sétimo mês para o *Yom Kippur*. Isto é, as duas celebrações eram de extrema importância para seu povo e ocorriam na entrada de um novo ano. No entanto, a distinção é que o *Akitu* ocorria em um período de mais de uma semana, provavelmente onze ou doze dias, enquanto o *Yom Kippur* era realizado em um único dia.

O segundo ponto a ser destacado é que ambos os ritos incluíam um período anterior de preparação. Para o *Akitu*, o mês anterior possivelmente era um período de penitência e preparação para o rito que viria. Para o *Yom Kippur*, alguns dias antes do rito ocorria a Festa das Trombetas.

O terceiro ponto é que os dois rituais envolviam atividades relacionadas ao templo, embora a compreensão e a utilização desses espaços fossem completamente distintas. No

---

<sup>7</sup> Wright (1992, p. 1887) destaca que a purificação do *Akitu* é descrita por meio do verbo *kuppuru*, o qual é cognato do verbo hebraico *kipper*.



*Akitu* o templo era especialmente separado para esta ocasião e se encontrava fora da cidade, em uma espécie de ilha. Isto é, o acesso a ele não era simples e era resguardado aos sacerdotes e reis. Além disso, existia o conceito de contaminação do templo por parte de demônios que ali se infiltraram. A purificação era feita no quinto dia através de água aspergida ao redor do templo, uma tocha de incenso e sangue de um cordeiro perfeito, o qual era esfregado pelo templo para capturar os demônios.

Por sua vez, o templo/tabernáculo israelita era utilizado diariamente em ofertas de adoração por parte do povo à Deus, e somente no *Yom Kippur* o sumo-sacerdote poderia adentrar no terceiro compartimento do templo. Além disso, sua localização era no centro do acampamento do povo (inicialmente móvel, à medida que o povo peregrinava), aspecto que para os israelitas marcava a presença permanente de Deus em seu meio. Como destacam Elwell e Beitzel (1988, p. 2027-2028), o templo era considerado a casa de Deus e o local a partir do qual sua vontade era conhecida (cf. Ex 33:11), Sua presença era ali revelada através da nuvem no deserto e na glória da Shekinah. Essa escolha foi do próprio Deus.

O rito do *Yom Kippur* também incluía uma purificação do templo, entretanto, era devido as impurezas e rebelião do povo israelita (Lv 16:16). Rooker (2000, p. 218-219) explica que a purificação do tabernáculo/templo neste dia envolvia quatro etapas. Primeiro, o sangue do bode da congregação era aspergido no propiciatório (Lv 16:15). Segundo, ocorria a purificação do Lugar Santo e Santíssimo (Lv 16:16-17). Terceiro, a purificação do altar era feita através de sete aspersões de sangue. Assim, nota-se uma progressão da purificação do objeto santíssimo (propiciatório) para o restante da Tenda (incluindo o altar de incenso) e, finalmente, para o altar do holocausto no pátio.

O autor também destaca que nesse dia eram purificadas as impurezas e rebelião do povo (Lv 16:16). A palavra hebraica **פֶּשָׁע** (*peshá*, “transgressão”) indica a quebra voluntária de um relacionamento de pacto entre duas partes. Segundo Rooker (2000, p. 218-19) o uso desta palavra em Levítico indica que “no Dia da Expição não apenas os pecados intencionais foram expiados, mas que o tabernáculo foi purificado para permitir a presença de Deus. [...] A natureza irrestrita do perdão neste dia indica por que o sangue deveria ser levado tão perto da presença de Deus.” Esse é um grande ponto diferencial entre o *Akitu* e o *Yom Kippur*, existe santidade no templo devido a presença de Deus, o qual deseja estar permanentemente no



meio de Seu povo. O *Yom Kippur* não envolve exorcismos de um templo cheio de demônios infiltrados, mas expiações do pecado para que o povo esteja perto de Deus.

O quarto ponto é a utilização do sangue de animais sacrificados como meio de purificação nos dois rituais. No quinto dia do *Akitu*, um carneiro era decapitado e seu sangue era esfregado sobre as paredes do templo como meio de purificação. Sua carcaça era arrastada para fora e lançado ao rio como animal expiatório. Com alguma semelhança, no *Yom Kippur* eram oferecidos animais (carneiros, bode) e seu sangue também servia como meio de purificação. Os restos dos sacrifícios ofertados nesse dia eram levados para fora do acampamento para serem queimados.

O quinto ponto é que provavelmente o *Akitu* tinha o objetivo de celebrar um mito mesopotâmico e fora estabelecido com objetivos políticos. Por sua vez, como bem-visto anteriormente, o propósito do *Yom Kippur* era realizar a expiação dos pecados do povo e celebrar o perdão divino. Esses aspectos são evidentemente claros no apogeu de ambos os ritos. No *Akitu*, o apogeu ocorria no momento do casamento e relacionamento sexual entre o rei e uma alta sacerdotisa, ambos representando deuses. No *Yom Kippur*, o apogeu está na realização e conclusão de cada uma das expiações realizadas.

O último ponto é que na realização do *Akitu* existia uma distinção de classes e degradação humana. O ritual era oficiado pela elite e em determinado momento se tornava exclusivo apenas aos sacerdotes e rei. O povo somente podia testemunhar algumas das ações realizadas nesse dia. Além disso, em determinado momento o rei era tratado de maneira humilhante, sendo agredido e forçado a confessar-se.

Entretanto, no *Yom Kippur*, todo o povo, inclusos seus líderes, se apresentavam na condição de transgressores que necessitavam do perdão divino. O sentimento deveria ser de arrependimento e humilhação pessoal e voluntária (Lv 23:26-32). Esse aspecto era tão sério no dia do rito que aquele que não se afligisse era eliminado do povo (Lv 23:29).

É interessante destacar que no *Akitu*, a atitude de humilhação direcionada ao rei tinha por objetivo apresentá-lo como mero mortal e completamente dependente dos deuses. Em contraste, o Deus de Israel não exigia tal atitude humilhante para com Seu povo. O pecado do povo já revelava sua condição humana e mortal. O que Deus exigia era uma atitude voluntária de reconhecimento de seu pecado, confissão e arrependimento.



Esses mesmos aspectos ainda permaneceram na tradição judaica. Na *Mishnah* é dada a orientação que no *Yom Kippur* “é proibido se envolver em comer e beber, tomar banho, passar óleo no corpo, usar sapatos e ter relações conjugais” (Yoma 8:1). Essa orientação reflete a descrição de Levítico 23:26-32 de cessar toda obra durante o *Yom Kippur*. Além disso, ela afirma que:

Em relação a aquele que diz: “Eu pecarei e depois me arrependerei, pecarei e me arrependerei”, o Céu não lhe dará oportunidade de se arrepender, ele permanecerá um pecador todos os seus dias. No que diz respeito a aquele que diz: “Eu pecarei e o *Yom Kippur* expiará pelos meus pecados”, o *Yom Kippur* não expia pelos pecados. Além disso, para transgressões entre uma pessoa e Deus, *Yom Kippur* expia; no entanto, para transgressões entre uma pessoa e outra, *Yom Kippur* não expia até que ele apazigue a outra pessoa (Yoma 8:9).

Em relação a este ponto, no *Akitu* não existe tal compreensão de pecado/culpa e necessidade de arrependimento tanto por parte dos sacerdotes e do rei, quanto por parte do povo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente pesquisa revisamos a literatura acerca do festival mesopotâmico de *Akitu* e suas principais características, bem como suas semelhanças e diferenças com o *Yom Kippur*. O festival de *Akitu* era um festival que durava cerca de onze ou doze dias, abrindo o ano novo mesopotâmico e sendo composto por eventos como a entronização do rei, sacrifícios de animais, entronização dos deuses, purificação do templo, entre outros.

Por sua vez, o *Yom Kippur* era uma festividade israelita que ocorria em apenas um dia e tinha caráter purificador para todo o povo e o templo. Ao decorrer do rito, sacrifícios eram oferecidos e o povo que acompanhava deveria manter-se em espírito de humilhação e arrependimento por seus pecados.

Com base no que foi apresentado, concluiu-se que existem algumas semelhanças entre o ritual mesopotâmico de *Akitu* e o ritual israelita do *Yom Kippur*, tais como a expiação, purificação do templo, a presença do sacerdote como mediador, entre outras. Entretanto, é evidente que os rituais possuíam propósitos completamente diferentes.



Diferentemente do ritual do *Yom Kippur*, no *Akitu* é perceptível que havia uma agenda política a ser alcançada e esse objetivo fica evidentemente claro na apresentação do rei como um servo dos deuses, na avaliação dele como responsável pela qualidade de vida do povo, na realização de seu casamento com uma alta sacerdotisa objetivando alcançar uma vida longa e na decretação de sorte ao monarca durante o seu reinado naquele novo ano. Tal aspecto político se torna ainda mais claro quando estrangeiros dominaram Babilônia e utilizaram-se desse rito para entronizar os seus reis e receberem aceitação da população.

Por sua vez, é claro que os israelitas realizavam o *Yom Kippur* por crerem ser este um rito necessário para a purificação de seus pecados e aceitação deles por parte de Deus; propósito este completamente oposto ao evidenciado no *Akitu*.

Por fim, propõe-se que novos estudos comparativos sejam realizados analisando as semelhanças do festival mesopotâmico de *Akitu* não somente com o *Yom Kippur*, mas com outras festividades agrícolas israelitas que também atuavam como celebrações de Ano Novo.

## REFERÊNCIAS

BIGMEAD, J. **THE AKITU FESTIVAL RELIGIOUS CONTINUITY AND ROYAL LEGITIMATION IN MESOPOTAMIA**. PISCATAWAY, NEW JERSEY: GORGAS PRESS, 2004.

BUTLER, TRENT C. “DIA DA EXPIAÇÃO”. IN: **DICIONÁRIO BÍBLICO LEXHAM (CONCISO)**. ROGÉRIO PORTELL ET AL., (TRAD.). BELLINGHAM: LEXHAM PRESS, 2021.

CARAMELO, F. O RITUAL DO AKITU: O SIGNIFICADO POLÍTICO E IDEOLÓGICO DO ANO NOVO NA MESOPOTÂMIA. **REVISTA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS**, N. 17, P.157-160, 2005.

CARAMELO, F. OS CALENDÁRIOS MESOPOTÂMICOS, O CULTO E AS HEMEROLOGIAS. **CULTURA: REVISTA DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS**, V. 23, N. 1, P. 77-88, 2006.

DAVIDSON, R. M. THE GOOD NEWS OF YOM KIPPUR. **JOURNAL OF THE ADVENTIST THEOLOGICAL SOCIETY**, V.2, N.2, 1991.

ELWELL WALTER A.; BEITZEL, BARRY J. “TABERNACLE, TEMPLE”. IN: **ENCICLOPÉDIA BAKER DA BÍBLIA**. GRAND RAPIDS, MI: BAKER BOOK HOUSE, 1988.

EZRA, D. S. B. **THE IMPACT OF YOM KIPPUR ON EARLY CHRISTIANITY: THE DAY OF ATONEMENT FROM SECOND TEMPLE JUDAISM TO THE FIFTH CENTURY**. TÜBINGEN: GULDE DRUCK, 2003.

GANE, R. SCHEDULES FOR DEITIES: MACROSTRUCTURE OF ISRAELITE, BABYLONIAN, AND HITTIE SANCTA PURIFICATION DAYS. **ANDREWS UNIVERSITY SEMINARY STUDIES**, V. 36, N. 2, P. 231-244, 1998.



KRAMER, S. N. **MESOPOTÂMIA: O BERÇO DA CIVILIZAÇÃO**. RIO DE JANEIRO: LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA, 1969.

LAMBERT, W.G. PROCESSIONS TO THE AKITU HOUSE. **REVUE D'ASSYRIOLOGIE ET D'ARCHÉOLOGIE ORIENTALE**, V. .91, N.1, P. 49-80, 1997.

LAMBERT, W.G. THE GREAT BATTLE OF THE MESOPOTAMIAN RELIGIOUS YEAR: THE CONFLIT IN THE AKITU HOUSE. **IRAQ**, V. 25, N.2, P.189-190, 1963.

LEAL, J. M. BODES OU DEMÔNIOS: UMA NOTA SOBRE O TERMO AZAZEL EM LEVÍTICO 16:8. **REVISTA FRONTEIRAS**, V. 4, N.1, P. 335- 362, 2014.

NAKATA, I. PROBLEMS OF THE BABYLON AKITU FESTIVAL. **JANES**, V. 1, N. 1, P. 41-49, 1968.

NIELSEN, J.P. MARDUK'S RETURN: ASSYRIAN IMPERIAL PROPAGANDA, BABYLONIAN CULTURAL MEMORY, AND THE *AKÏTU* FESTIVAL OF 667 BC. IN: BOMMAS, M.; HARRISSON, J.; ROY, P. (ORGS.). **MEMORY AND URBAN RELIGION IN THE ANCIENT WORLD**. LONDON: BLOOMSBURY ACADEMIC, 2012, P.1-30.

PETRUSKI, M. R.; DUPLA, S. A. ANO NOVO, VIDA NOVA: A RENOVAÇÃO COM O FESTIVAL DE AKITU NA BABILÔNIA. **PHOÏNIX**, V. 23, N. 2, P. 27-40, 2017.

ROOKER, MARK F. *LEVITICUS*. THE NEW AMERICAN COMMENTARY. NASHVILLE: BROADMAN & HOLMAN PUBLISHERS, 2000. VL. 3.

SOMMER, B. D. THE BABYLONIAN AKITU FESTIVAL: RECTIFYING THE KING OR RENEWING THE COSMOS? **JANES**, V. 27, N. 1, P. 81-95, 2000.

SWANN, JOHN. "FIESTAS Y FESTIVALES DE ISRAEL". IN: BARRY JOHN D. E WENTZ, LAZARUS (EDS.). **DICCIONARIO BÍBLICO LEXHAM**. BELLINGHAM, WA: LEXHAM PRESS, 2014.

YÜCEL, Ö. Ü. Ç. MARDUK (AKITU) BAYRAMI VE ŞENLİKLERI. IN: TOPGÜL, D. D. S. (ED.). **SOSYAL VE İNSANI BİLİMLER: TEORİ, GÜNCEL ARAŞTIRMALAR VE YENİ EĞİLİMLER**. CENTINJE, KARADA: EKİM, 2020.

WRIGHT, DAVID P. "DAY OF ATOMENENT". IN: FREEDMAN, D. N. (ED.). **ANCHOR BIBLE DICTIONARY**. NEW YORK: DOUBLEDAY, 1992. VL.6.